



# O DIA DA VITÓRIA

Mário Vital Guadalupe Montezuma

**A** única presumível qualificação que me confere a honra de ser o intérprete das Forças Armadas na Guarnição do Rio de Janeiro, perante o Chefe da Nação Brasileira e Comandante Supremo das Forças Armadas, nesta solenidade que evoca um fato histórico de transcendental importância para toda a humanidade, é a de possuir o legítimo orgulho profissional de pertencer a um Exército forte, capaz e honrado, que se soma, numa admirável união, às duas outras Forças co-irmãs, a Marinha e a Aeronáutica.

É necessário que todos os brasileiros, homens e mulheres, conheçam a real significação do 8 de Maio de 1945 para que possam mais se orgulhar do Brasil e de suas Forças Armadas.

Naquele glorioso dia, há 38 anos, as Forças Aliadas punham

fim nos campos da Europa à ameaça nazi-fascista que, convulsionando o mundo, levou a milhões de famílias o desemprego, o terror, a morte e o luto.

Entendemos que a idéia de Pátria implica a idéia de tradição. É mais no passado que a Pátria se alicerça, pelo que se torna preciso recordá-lo.

O esforço feito orienta e estimula o esforço a fazer e a Pátria deve ser eterna e intangível. O exemplo dos antepassados sugere na os homens e a história das guerras constitui o repositório dos feitos em que o soldado de hoje vai inspirar-se para a sua conduta.

A II Grande Guerra teve início a 1º de setembro de 1939 com a invasão da Polônia. Os primeiros anos pareciam confirmar a terrível idéia de que os países do eixo

totalitário levariam de vencida as nações democráticas.

Atacado pelos alemães, e em defesa não somente da honra, da soberania e dignidade nacionais, mas também em nome da liberdade, confiança e respeito entre as Nações, lançou-se o Brasil, por igual, na grande conflagração.

A 22 Ago 1942, em desagravo à honra nacional ultrajada com o torpedeamento covarde e traiçoeiro de navios mercantes brasileiros desarmados que navegavam em nossas costas e para garantir a sobrevivência da democracia, ameaçada pela sanha nazi-fascista, foi proclamado o estado de guerra contra os países do eixo — Alemanha, Itália e Japão — pelo então Presidente Getúlio Vargas, que contou, de forma admirável, com as manifestações patrióticas amplamente favoráveis da opinião pública brasileira, inflamada e indignada contra os atos praticados, que ceifaram centenas de vidas inocentes.

A participação brasileira foi das mais expressivas, tanto no campo político, como no econômico e, particularmente, no militar. No primeiro, contribuindo decisivamente para o fortalecimento da posição aliada, tanto no plano continental como mundial, passando o Brasil a ser muito mais do que uma potência regional sul-americana. No econômico, fornecendo ao bloco aliado materiais estratégicos indispensáveis ao esforço de guerra, como na luta pela borracha, que alcançou quadros dramáticos na Amazônia.

Mas foi no campo militar onde o Brasil materializou de forma insosfismável sua adesão à causa do Mundo Livre. Pela primeira vez, ver-se-ia uma nação sul-americana enviar uma ponderável Força Expedicionária (com 25.334 homens) para combater em uma guerra ultramar, num terreno montanhoso, a cujos pináculos o homem chega com extrema dificuldade; sob condições climáticas extremamente adversas e desconhecidas dado o rigor do seu inverno (20º abaixo de zero) e contra um inimigo poderoso integrante de um dos melhores exércitos do mundo.

A nossa gloriosa FEB, com o seu famoso símbolo — “A Cobra Fumando” — foi comandada pelo insigne Marechal Mascarenhas de Moraes, Chefe de personalidade marcante e exemplar carreira, cujo centenário de nascimento será condecoradamente comemorado em novembro deste ano. E os nossos bravos soldados não desmereceram a confiança que neles depositava a Nação Brasileira. Muito mais significativo do que quaisquer apreciações partidas de brasileiros, foi o depoimento do General norte-americano Crittenberger, Cmt do IV CEx, a quem a FEB esteve diretamente subordinada, a respeito do soldado brasileiro:

“Há muito que desejava ter a possibilidade de vos dizer em primeira mão, das qualidades guerreiras dos filhos do Brasil. Com eles estive em Monte Prano, Monte Castello, Castelnuovo, Montese, Foronovo, fora outros combates.

Conversei com eles ao longo das estradas, nas montanhas frígidas

dos Apeninos. Eu os vi muitas vezes nas cercanias de Porreta, com eles comi ração K no vale do Pó. Visitei-os nos postos de socorro da frente. Eu os lancei nas batalhas e os vi morrer com os olhos postos em Deus. Mas, também, os vi vencedores e triunfantes, com milhares de alemães capturados a serem recolhidos aos campos de prisioneiros.

Sim, conheço o soldado brasileiro e estou aqui para vos dizer que ele realizou um trabalho estupendo. Não são homens comuns esses Soldados do Brasil. Eles são dignos dos mais altos postos de direção que uma Nação agradecida pode proporcionar na paz ou na guerra. Desde os Apeninos até o Vale do Pó, sua esplêndida capacidade de direção era sentida através dos contínuos sucessos obtidos."

Tal depoimento nos enche de orgulho, pois, a FEB era bem o Brasil. Todos democraticamente reunidos, irmanados, todos os tipos em uma mesma fileira. Havia o militar profissional — oficiais e sargentos — e a grande massa de reservistas convocados. Havia o empregado do comércio e o operário; o estudante e o funcionário público; o trabalhador rural e o trabalhador da cidade; letrados e analfabetos; homens das ruas e homens do mato, de todos os estados do Brasil; havia o "João ninguém" e o chamado filho de família; pretos e brancos, mulatos e caboclos.

O homem expedicionário não era um desgarrado de sua gente e de sua terra. Dependia do espírito nacional e, em particular, da mentalidade do lugar de onde veio.

Igualmente, tivemos a honra de sermos a primeira Força Aérea sul-americana que cruzou oceanos e veio alçar as suas asas sobre os campos de batalha europeus. O nosso estupendo 1º Grupo de Caça — o "Senta a Pua" — integrando o Comando da Força Aérea Tática do Mediterrâneo colaborou, de forma decisiva e heróica, nas inúmeras missões de apoio às forças terrestres, no isolamento do campo de batalha pela interrupção sistemática das vias de comunicações e na destruição da indústria e das instalações militares do norte da Itália. Foram 445 missões executadas, com 5.465 horas de vôo em operações de guerra, que cobriram de glórias a nossa brava FAB.

Pela grandeza e eficiência de sua atuação bélica, o 1º Grupo de Caça recebeu uma honrosa citação do Congresso dos Estados Unidos.

Por sua vez, coube à Marinha do Brasil a primazia de ser a primeira das Forças Armadas brasileiras a exercer ação quer preventiva, quer coibidora, desde a altitude inicial de neutralidade assumida pelo nosso País, tendo em vista que a ameaça claramente inevitável, vinha através dos mares. Durante a nossa participação na Guerra, coube à Marinha um papel heróico de extraordinário relevo, no patrulhamento e proteção do nosso litoral, na escolta de comboios internacionais, na destruição de belonaves inimigas, na manutenção das rotas marítimas indispensáveis às comunicações, ao comércio e ao abastecimento dos aliados. Realizou, com igual brilho, varreduras dos canais de acesso aos portos, o

adestramento em tática anti-submarino, a defesa local, o reboque a navios mercantes torpedeados, o recolhimento de naufragos em alto-mar.

De tal sorte se houve a nossa Marinha que o Almirante Ernesto King, Comandante-em-Chefe da Esquadra norte-americana qualificou a Marinha do Brasil como modelo de eficiência, regularidade e boa execução.

Não poderia ser esquecido o papel da mulher brasileira, representada pelo valoroso contingente de enfermeiras. Sua missão humanitária e denodada nos hospitais e enfermarias, em muito contribuiu para o êxito da causa.

Muito mais se poderia dizer da participação do Brasil na II Grande Guerra Mundial.

O fundamental é assinalar que pela causa da democracia as Forças Armadas do Brasil lutaram na Itália, deixando nos campos de batalha centenas de irmãos mortos e milhares de feridos, muitos mutilados. Temos de ser dignos dos que morreram para que pudéssemos ser livres.

Graças ao esforço comum, foi possível aos países aliados, grandes ou pequenos, forçar a arrogante Alemanha de Hitler a render-se incondicionalmente, no dia 8 de maio de 1945.

E hoje, após a hecatombe, o que lamentavelmente se constata é que o pesadelo nazi-fascista foi apenas substituído por outro, representado pelo comunismo inter-

nacional. Isso porque o conflito ideológico que a Segunda Guerra tentou resolver, na verdade, ressurgiu em nova feição. Uma vez mais a democracia se vê ameaçada por uma outra forma de totalitarismo. Os valores que então moveram a Nação Brasileira, e que hoje de novo nos inspiram, são fundamentalmente a democracia e a liberdade, que estruturam e cimentam a união do Mundo Livre.

Se ontem combatíamos nos campos de batalha a expansão nazi-fascista, agiríamos com incoerência se hoje ficássemos inertes diante do expansionismo vermelho. Alertados e mais bem preparados, hoje mais do que no passado, estamos em condições de garantir a nossa soberania contra qualquer agressão totalitária.

Ao agradecer a honrosa missão recebida nesta cerimônia cívica que pretende ter o mérito de estabelecer, nas mesmas palavras, nos mesmos conceitos e no mesmo entusiasmo, a identidade e a uniformização de um culto cívico que deve pairar acima de quaisquer contingências ocasionais, emprestando-lhe uma compreensão do seu sentido mais amplo e mais profundo que fortalece, ainda mais, a união das nossas Forças Armadas no quadro de um Brasil livre e soberano cujos destinos podemos dividir com confiança exatamente porque somos unidos, desejamos deixar o testemunho da gratidão de todos os brasileiros aos nossos bravos que derramaram o seu generoso sangue nos campos de batalha, afirmando-lhes que não mo-

reram em vão e que com a nossa união, a nossa lealdade, a nossa decisão e o nosso patriotismo ha-  
veremos de concorrer decisivamente para que o Brasil seja a Pátria grandiosa que tanto almejamos.



*O General-de-Brigada Mario Vital Guadalupe Montezuma, oriundo da Arma de Artilharia, é o titular da Diretoria de Assuntos Culturais, Educação Física e Desportos – DACED – do Ministério do Exército. Foi membro do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra, de onde tem os cursos de Informações e Superior de Guerra. Exerceu o comando do 19/49 Grupo de Artilharia de Costa Motorizada e do 19 Grupo de Canhões Automáticos Antiaéreos. É Diretor-Presidente de "A Defesa Nacional".*